

---

## A VOZ DO OLHAR

NELLY NOVAES COELHO

O diálogo entre o visual e o verbal constitui o cerne do último livro de Albano Martins. *A Voz do Olhar* tem como objectivo nuclear a sondagem interrogante dos monumentos do passado e do presente. Os poemas desenvolvem-se num espaço de indagação cujo processo leva a poesia (arte do tempo) a insuflar temporalidade na pintura ou escultura (artes no espaço).

"As coisas nos oferecem olhar por olhar. Se elas nos parecem indiferentes é porque as olhamos com um olhar indiferente. Mas para um olho alerta, tudo é espelho; para um olhar sincero e grave, tudo é profundidade." (G. Bachelard)

The main theme of Albano Martins's latest book is the dialogue between the visual and the verbal. "A Voz do Olhar" is the questioning of the monuments from the past and the present. The poems are written in such a way (time art) as to be filled with temporality in painting or sculpture (arts in space)

"We look at things eye to eye. If they seem indifferent it's because we look at them indifferently. But to an attentive eye, everything is a mirror; to a sincere and serious look, everything is depth." (G. Bachelard)

É essa profundidade do olhar que se exprime nos poemas reunidos em *A Voz do Olhar*<sup>1</sup>, o mais recente livro de Albano Martins e cuja matéria entra no âmbito de uma das controvertidas questões suscitadas pela modernidade: a complexa relação entre pintura e poesia. Como o título já sugere, trata-se de um diálogo entre o **visual** e o **verbal**, ou melhor, entre a **pintura** (ou escultura) e a **poesia**, - diálogo que o poeta já realizara em *Inconcretos Domínios* (1980) e *Entre a Cicuta e o Mosto* (1992), e agora retoma, ampliando a gama das formas artísticas em foco e também a escala temporal a que elas pertencem.

Lembrando o que disse Eduardo Lourenço a respeito de *Inconcretos Domínios*, estendemos a sua conclusão a esta recente publicação, que é da mesma natureza daquela: "esse conjunto de poemas em torno da criação alheia" confirma no poeta "esse pendor para existir no outro e através do outro, vontade de ver tudo de fora de si mesmo." Nada mais justo para definir a personalidade poética do autor, na qual avulta o privilegiado dom de admirar a grandeza ou a beleza do **outro** ou de comungar com a vida à sua volta.

*A Voz do Olhar* vem confirmá-lo. Em bela e requintada produção editorial (com excelentes reproduções coloridas das obras de arte com que o poeta

---

<sup>1</sup> Albano Martins. *A Voz do olhar*. Porto, Edições Universidade Fernando Pessoa, 1998.

dialoga), temos um longo caminho percorrido: a selecção feita pelo autor inclui desde a pintura rupestre (O Bisonte da Caverna de Altamira) até desenhos, gravuras ou pinturas surrealistas (de Gustav Klimt, Cruzeiro Seixas...), passando por esculturas e pinturas multimilenares (Colossos de Mémnon, Máscara Funerária de Tutancámon, Vénus Suméria...). Livro que vem confirmar mais uma vez a maturidade atingida por Albano Martins, *A Voz do Olhar* é percorrido por uma das ideias base mais importante da literatura contemporânea: a certeza de que “o que não é nomeado não existe”. Ou como disse Roland Barthes (*Mythologies*), a pintura só passa a “ser em si” para o “ser existente”, quando “for posta em palavras”, - escritura que Barthes considera uma espécie de “tradução demiúrgica” do objecto estético em foco. Uma “tradução” verbal que dá existência definida ao visual, isto é, revela-o em seu sentido essencial e oculto, por trás das formas visíveis. Existência e revelação que, como sabemos, nunca são definitivas, pois dependem inteiramente do “olhar” do leitor-tradutor (e cada um terá a sua...). Aqui, o olhar de Albano Martins torna-se “demiúrgico”, na medida em que se transforma em voz e nomeia ou renomeia o objecto contemplado.

Essa ideia-base está apenas latente em alguns poemas e bem evidente em outros, como em “Colossos de Mémnon” (Ruínas do templo funerário de Amenófis III, no Egipto): “Pilares dum templo / de deuses evadidos / ao crepúsculo”, os gigantescos e enigmáticos Colossos “olham o vazio”. Deles, nada se sabe, porque nada ficou escrito; não há rastros de falas que os testemunhem. “São páginas / dum livro a que arrancaram / algumas folhas”. Ou ainda, eles são como “páginas / dum livro branco / E a brancura / não se escreve / Não tem nome.” Por não terem sido nomeados, os Colossos permanecem no tempo, mas continuam indecifráveis enigmas, - presença vazia, parada “no avesso da memória”.

Em “Bisonte”, diante da multimilenar pintura inscrita na pedra de Altamira, a imaginação do poeta se desdobra em interrogações: “Terá sido dos seus cascos / que nasceu Andrómeda”? “E terá sido / nos seus cornos / petrificados como serpentes / no cio que Medusa / se reconheceu perfeita”? Mas o enigma não se revela, porque “Na pedra / desta gruta alguém / pintou a história / como um animal sem data / e sem contornos.” Essas últimas palavras apontam para um dos vectores que dinamizam a poesia de Albano Martins: a atracção pela história, entendida como factor essencial para o conhecimento do homem e de sua circunstância. Nesse sentido, o poeta português pertence à linhagem de Octavio Paz, que (segundo síntese da poeta Olga Savary) “é presa de um desejo exacerbado, obsessivo, jamais apaziguado, - o de ser espectador da história, na qual descobre estar ele próprio envolvido.” Não é outra, a atitude assumida por Albano Martins. Note-se, nesse sentido, que embora fascinado pelo espaço do aqui-e-agora que se estende diante de seus olhos, ele desde sempre se mostrou atraído pelas “raízes” ou pela história, que nos fez tal como somos e cujos inícios se perdem no mito.

30

Dai que uma das grandes presenças, em seu universo poético, desde *Secura Verde* (1950) seja a das paisagens, formas, flores, cores, frutos, céus... Espaço natural, impregnado de vida (ou vitalidade erótica), e como qual o poeta comunga, mas sempre como que o interrogando, em busca de lhe descobrir o sentido último, - oculto pelos limites das formas.

Compreende-se, assim, a escolha do motivo nuclear deste *A Voz do Olhar*: a sondagem interrogante desses monumentos do passado (e do presente), que ocultam sob as formas aparentes o seu sentido maior, responsável por sua permanência no tempo, - sentido esse que a voz do poeta tenta captar e expressar. Os poemas desenvolvem-se, pois, num espaço de indagação interna bastante intenso, cujo processo, inclusive, leva a poesia (arte do tempo) a insuflar temporalidade na pintura ou escultura (artes do espaço). Leia-se, por exemplo, "Paleta do rei Nar-Mer", poema que interroga os símbolos inscritos em duas urnas votivas pertencentes ao túmulo de um poderoso faraó. Partindo do hipotético significado simbólico da "deusa Incípite" e do "falcão assexuado" inscritos nas urnas, a fala poética resvala pelos interstícios do tempo e identifica no antigo faraó e seu perdido "poder soberano", o destino fatal de todos os "condutores de povos": o de desaparecerem por completo na poeira do tempo ou terminarem "esculpidos / em frisos de mármore / e de sangue" e assim ganhando imortalidade.

Nesse breve poema se cruzam, pois, dois fenômenos que o poeta mostra como complementares: o da irredutível **efemeridade** do poderio humano e o da **perenidade** da arte que impede o seu fatal desaparecimento no nada, ao eternizar seus gestos e feitos "em frisos de mármore"...

Quanto à estruturação do todo, *A Voz do Olhar* divide-se em três partes: "O Rosto das Máscaras", "Nos Jardins de Miró" e "As Imagens e as Legendas". Nelas são agrupados os objectos artísticos, por afinidade de temas ou de natureza. Estruturação que contribui sensivelmente para a organicidade do conjunto desta colectânea poética, que pôs à prova a viva imaginação do poeta e, agora, se oferece como instigante leitura ao leitor atento que, por sua vez, poderá criar, com sua própria interpretação, um terceiro texto, gerado pelos dois primeiros: o **visual** (pintura ou escultura) e o **verbal** (poesia que nomeia o visual).

Numa leitura mais atenta, nota-se que essa dança de expressões (visual/verbal) se realiza através de três processos principais: -aquele em que o texto verbal e o visual se inter-relacionam tão fundamentalmente, que se torna impossível dissociá-los como valores independentes (Ex. "Vênus à la Corne"); -aquele em que o texto poético injecta novos sentidos no texto plástico (Ex. "Máscara funerária de Tutancámon") e aquele em que o texto plástico permanece quase como um sussurro ao fundo do texto poético (Ex. "Serpentes de Água" de Gustav Klimt).

Nesta recente publicação, a aguçada percepção visual e sensorial, que singulariza a arte de Albano Martins, encontra um fértil campo para se expandir, numa criativa mescla de visão e pensamento crítico (ou de olhos e mente), permeados como sempre, de vibrações eróticas... Seus desafios ao leitor desdobram-se num sem número de possíveis e diferentes leituras, - possibilidades que nos lembra uma outra sábia afirmação: "O olho vê, a lembrança revê e a imaginação transvê." (verso do poeta brasileiro, Manuel de Barros, cuja poética é também dinamizada pela visualidade). Ou ainda, nos traz à lembrança a interrogação de Clarice Lispector: "...verdadeiramente, escrever não é quase sempre pintar com palavras?"

22

Com a palavra, os leitores...

#### BIBLIOGRAFIA

- BARTHES, ROLAND, *Mitologias*, Lisboa: Ed.70, 1987.  
LOURENÇO, EDUARDO, Prefácio a *Vocação do Silêncio*, Lisboa: IN-CC, 1990  
MARTINS, ALBANO, *A Voz do Olhar*. Porto: Ed. Universidade Fernando Pessoa, 1998  
MARTINS, ALBANO, *Entre a Cicuta e o Mosto*. Lisboa: 1992  
MARTINS, ALBANO, *Inconcretos Domínios*. Porto: Ed. Nova Renascença, 1950